

Polissemia na mente, na cultura e no discurso para uma abordagem cognitiva mais dinâmica e contextualizada da individuação, relação e mudança de sentidos¹

Augusto Soares da Silva

Introdução

Nos últimos 35 anos, depois da publicação de *Metaphors We Live By*, de Lakoff & Johnson (1980), a Semântica Cognitiva muito tem contribuído para o estudo da polissemia, da metáfora (um dos processos cognitivos daquela) e de outras estruturas semasiológicas do léxico e da gramática. A teoria do protótipo, a teoria da metáfora conceptual e os modelos de rede radial e esquemática das categorias linguísticas têm sido determinantes para a descrição e a representação mental das categorias polissémicas e para a teorização da natureza conceptual, experiencial e dinâmica do significado linguístico (e.g.

¹ Por se tratar de português europeu, as normas deste texto foram mantidas conforme as de seu país de origem (N. do E.)

Cuyckens & Zawada 2001; Nerlich, Todd, Herrman & Clarke 2003; Cuyckens, Dirven & Taylor 2003; Riemer 2005; Geeraerts 2006; Silva 2006). Todavia, a Semântica Cognitiva precisa de explorar sistematicamente outras implicações da sua perspectiva experiencial, enciclopédica e centrada no uso do significado (Geeraerts 2010).

Neste estudo, argumentaremos sobre a necessidade de uma perspectiva cognitiva mais *dinâmica* e maximamente *contextualizada* relativamente a três questões centrais do estudo da polissemia: (i) a individuação ou diferenciação de sentidos; (ii) os processos cognitivos de relacionamento entre sentidos; e (iii) os mecanismos cognitivos, sociais e discursivos de mudança semântica conducente a estádios de polissemia. Revisitando categorias polissémicas do português, não só lexicais como também gramaticais e discursivas, já analisadas em Silva (2006), mostraremos como a abordagem cognitiva da polissemia tem que integrar os aspetos do contexto sociocultural ou a *situacionalidade* sociocultural do significado e os aspetos do contexto discursivo e, assim, o uso efetivo do significado. Simultaneamente, e na linha do desenvolvimento de métodos quantitativos em Semântica Cognitiva (Gries 2006; Glynn & Fischer 2010; Glynn & Robinson 2014), apresentaremos métodos quantitativos e multifatoriais avançados para o estudo da polissemia, implicados pela própria integração das dimensões sociocultural e discursiva no paradigma cognitivo. Tais métodos permitirão analisar a correlação entre variação conceptual, variação sociocultural e variação discursiva do significado.

Lugar da polissemia na linguagem e na Linguística

Costuma colocar-se a polissemia num dos *lados* da língua, mas ela está (ou acaba por estar) presente também no outro lado. Em primeiro lugar, a polissemia é o fenómeno principal da dimensão *semasiológica* das categorias linguísticas, isto é, a dimensão que parte da componente formal ou *significante* de uma categoria para os sentidos e referentes que podem estar associados a essa forma. Mas a dimensão oposta, dita *onomasiológica*, que parte do significado ou conceito para as diferentes formas que o nomeiam, não pode ser descurada, visto que a polissemia de uma categoria é condicionada pelas relações entre essa categoria

e outras categorias semanticamente próximas. Em segundo lugar, a polissemia é obviamente um fenómeno sincrónico, mas ela representa o *output* sincrónico de mudanças semânticas que se processaram e estabeleceram diacronicamente. Terceiro, olha-se para a polissemia como um fenómeno lexical, das palavras ou parte delas, os lexemas, mas ela é também um fenómeno gramatical, dos morfemas livres e presos e das construções. Finalmente, admite-se que a polissemia possa estar na mente, mas ela está também na comunidade, quer na sociedade quer na cultura. E está sempre na língua em uso ou discurso.

Paradoxalmente, um fenómeno linguístico tão essencial e tão evidente como é a polissemia foi minimizado e até eliminado pelas duas grandes correntes linguísticas do séc. XX que deram à Linguística todos os créditos de cientificidade: a linguística estruturalista de Ferdinand de Saussure ou Leonard Bloomfield e a linguística generativa de Noam Chomsky. A polissemia é aí menosprezada e até negada em nome do ideal semiótico "uma forma, um significado", da pretensa existência de "significados invariantes" ou "significados fundamentais" abstratos e unívocos, da proclamadíssima tese da autonomia da linguagem (*sistema autónomo*, que se basta a si mesmo, ou *faculdade autónoma*, inata e independente de outras faculdades mentais), da ideia de língua e de gramática como sistema de regras formais, ou ainda de famosas dicotomias como "conhecimento linguístico" vs. "conhecimento enciclopédico", gramática (regras) vs. léxico (listas), "langue" (sistema social) vs. "parole" (uso) ou "competência" (conhecimento individual do sistema) vs. "performance" (uso).

Só com o advento da Linguística Cognitiva nos anos 1980 é que a importância da polissemia é restabelecida, e o que fora um obstáculo à teoria linguística torna-se uma oportunidade para (re)contextualizar a linguagem na cognição e na cultura, para colocar a categorização linguística no centro das atenções, para centralizar o significado e a semântica nos estudos linguísticos. A Semântica Cognitiva faz assim a redescoberta e a recentralização da polissemia, rompendo com a posição antipolissemista da semântica estrutural e neoestrutural, da semântica generativa e neogenerativa e da semântica formal e regressando à posição da semântica histórico-filológica do séc. XIX, que deu à polissemia e à mudança semântica um lugar central (ver Silva 2006: cap. 1 e Geeraerts 2010 para uma análise desenvolvida do lugar da polissemia na história da Semântica e da Linguística).

Foi o filólogo francês Michel Bréal quem, nos finais do séc. XIX, criou o termo *polissemia* e lançou as bases para o estudo da polissemia como fenómeno linguístico, histórico, sociológico e cognitivo. No seu *Essai de Sémantique*, de 1897, Bréal afirmava:

Acabámos de ver algumas das causas que levam uma palavra a adquirir um sentido novo. Não são certamente as únicas, dado que a linguagem, para além do facto de ter as suas próprias leis, também recebe o impacto de eventos exteriores que escapam a qualquer classificação. Mas, sem prosseguir este exame, que será infundável, queremos apresentar aqui uma nota essencial. O sentido novo, seja ele qual for, não põe em causa o antigo. Ambos coexistem. O mesmo termo pode utilizar-se ora no sentido próprio ou metafórico, ora no sentido restrito ou alargado, ora no sentido abstrato ou concreto... À medida que uma significação nova é dada à palavra, esta parece multiplicar-se e produzir exemplares novos, similares na forma, mas diferentes quanto ao valor. A este fenómeno de multiplicação damos o nome de *polissemia*. Todas as línguas das nações civilizadas participam neste processo: quanto mais um termo acumula significados, mais devemos supor que representa diversos aspetos da atividade intelectual e social. (Bréal 1924: 143-4)

O conceito de polissemia como uma das forças maiores da mudança linguística levou Bréal a explorar o domínio em que linguagem e mente e linguagem e sociedade interagem, num período em que o estudo das mudanças linguísticas estava centrado nos sons e nas formas. Para Bréal, o significado é a força real da evolução das línguas e a polissemia é um indicador do progresso intelectual e social.

Para Bréal e outros semanticistas das primeiras décadas do séc. XX, como Darmesteter, Reisig, Paul, Nyrop, Erdmann e Stern, influenciados pelas novas teorias psicológicas (a psicologia associacionista, a psicologia fisiológica e cultural de Wundt, a psicologia do inconsciente de Freud e a psicologia da *gestalt*), a mudança semântica é a evidência da existência da polissemia e esta é o resultado de processos psicológicos expressos em mecanismos semântico-genéticos de formação de novos sentidos, como a metáfora, a metonímia, a generalização e a especialização (Nerlich & Clarke 1997: 370-378; Silva 2006: 15-23).

Esta conceção psicológica e enciclopédica do significado e, logo, da polissemia, é retomada e sistematicamente desenvolvida, quase um século depois, pela Semântica Cognitiva, agora no contexto dos enormes avanços das ciências

cognitivas. A polissemia regressa assim ao estatuto de fenómeno natural e central das línguas e como importante janela para o estudo das relações entre linguagem e cognição. Olhando para as mais de três décadas de Semântica Cognitiva, podemos falar de três fases no estudo da polissemia e fenómenos afins.

A primeira fase remonta às duas décadas iniciais, anos 1980 e 1990, e caracteriza-se pela enorme sedução pela polissemia e pela sua popularidade na agenda da Linguística Cognitiva, a ponto de se praticar a banalização da polissemia e de se promover o excesso de sentidos ou *polissemia extrema*. Os estudos pioneiros de Langacker, Lakoff, Talmy e Brugman incluem descrições sobre categorias polisémicas, e são inúmeros os trabalhos cognitivistas sobre palavras polissémicas, principalmente preposições, como a preposição inglesa emblemática e ainda hoje popular *over* (sobre, em cima de). A segunda fase é de discussão e revisão, questionando-se se existe tanta polissemia, onde começa e onde acaba e, mesmo, se a polissemia é uma realidade cognitiva, representada na mente dos falantes. É paradigmática a discussão nos finais dos anos 1990, publicada na revista *Cognitive Linguistics*, entre Croft (1998), Sandra (1998) e Tuggy (1999). Croft (1998) identifica quatro possíveis modelos de representação mental dos sentidos, sendo a polissemia apenas um deles; Sandra (1998) classifica como *falácia da polissemia* a tendência da Linguística Cognitiva para análises e representações mentais polissémicas; Tuggy (1999: 355-356) apresenta evidências linguísticas para justificar "uma preferência imparcial ou pré-expectativa por/de análises polissémicas". Finalmente, a terceira fase oferece, nos últimos anos, novos desenvolvimentos de novos desafios no estudo da polissemia, com destaque para a abordagem sócio-cognitiva (e.g. Robinson 2010) e a procura da evidência quantitativa baseada no *corpus* (e.g. Glynn & Robinson 2014) e da evidência experimental (e.g. Rice 2003, Mason & Just 2007).

Problemas (duros) da polissemia

Aparentemente simples, a polissemia é um conceito intrinsecamente problemático em toda a linha. A sua própria definição – associação de dois ou mais sentidos relacionados numa única forma linguística – encerra várias e complicadas questões práticas, metodológicas e teóricas. Os problemas da polissemia são

principalmente de (i) diferenciação de sentidos (quantos sentidos? onde começa e acaba a polissemia?); (ii) relacionamento de sentidos (que mecanismos geram polissemia?); e (iii) representação mental (existe polissemia na mente?) (ver análise pormenorizada destes problemas em Silva 2006: cap. 2).

O problema da diferenciação ou individuação de sentidos é provavelmente o mais duro e o de maiores implicações teóricas e metodológicas (ver Silva 2010). Os testes de diferenciação de sentidos propostos na literatura não resolvem a questão: o que é polissemia pelo teste lógico pode ser vagueza pelo teste linguístico ou vice-versa; e o que é polissemia pelos testes lógico e linguístico pode ser vagueza pelo teste da definição ou vice-versa (Geeraerts 1993, Silva 2006: cap. 2). As descrições de Searle (1983: 145-148) sobre o verbo *to open* (abrir) e de Lakoff (1987: 416) sobre o nome *window* (janela) são emblemáticas de duas posições opostas, uma monossemista e a outra polissemista e ambas problemáticas. Searle postula a existência de significados essenciais, mas o possível "significado essencial" de *to open* acaba por ser não distintivo, porque válido também para o verbo *to cut* (cortar). Lakoff tende a ver um sentido distinto em *window* sempre que se verificar uma diferença na referência de uma palavra, mas tal procedimento conduz a uma multiplicação exagerada de sentidos. A mesma posição exagerada toma-a Lakoff (1987) quando postula 21 sentidos distintos para a preposição *over*.

A via para tentar resolver este problema implica abandonar a generalizada conceção reificada do significado e interpretar corretamente a flexibilidade e contextualidade do significado. Assim, saber quantos significados distintos tem uma palavra ou outra expressão é colocar mal a questão. Na verdade, os significados não são entidades fixas e perfeitamente determináveis, mas processos flexíveis. Em vez de significados como *coisas*, o que temos é o significado como um processo de criação de sentido. O significado não é estático, mas dinâmico, não é dado, mas construído no conhecimento *enciclopédico* e configurado em feixes de conhecimento ou *frames*, não é platónico, mas *corporizado* nas necessidades, nos interesses e nas experiências dos indivíduos e das culturas. Não há, pois, sentidos dados, estáticos, distintos, mas sentidos construídos, dinâmicos, flexíveis, negociáveis. Devemos entender a semântica e a polissemia de uma categoria como um *potencial de significação* (Allwood 2003) ou um espaço semântico que pode ser visto de diferentes perspetivas e esse condicionamento depende de dois fatores.

Por um lado, o contexto facilita o reconhecimento de determinado sentido ou sentidos, impondo determinada perspectiva. Por outro lado, o falante tem a liberdade de ver a mesma região (sentido) em diferentes níveis de resolução (*zooming*) e de diferentes ângulos (ver Gries 2015).

Torna-se necessário estabelecer um compromisso entre as abordagens monossemista e polissemista, no sentido de se evitar tanto a falácia da generalidade ou o mito dos "significados essenciais" como a falácia da polissemia infinita ou o mito dos "usos puramente contextuais". Especificamente, a flexibilidade do significado exige que este seja *puxado* tanto *para cima* como *para baixo*. *Puxar o significado para cima* é procurar o conteúdo esquemático e outros fatores de coerência semântica de uma categoria, mas sem entender esse conteúdo esquemático como o significado essencial dessa categoria. Como esclarece Langacker (1987: 371), o *esquema* funciona não como gerador de sentidos, mas como uma estrutura integrada que incorpora a generalidade dos seus membros. *Puxar o significado para baixo* é dar conta dos usos contextuais particulares, psicologicamente (mais) reais, mas sem exagerar as diferenças de sentidos.

Por outras palavras, o compromisso consiste em postular *tão pouca polissemia quanto possível* e *tão muita polissemia quanto necessário*. Evitar a polissemia quanto possível passa por reconhecer que as pequenas diferenças de significado se podem dever aos significados das palavras adjacentes e ao conhecimento geral, por outras palavras, aos contextos (linguístico, sociocultural, situacional). Por exemplo, a variabilidade referencial de *window* deve entender-se em termos do fenómeno das *zonas ativas* (Langacker 1990a: 189-201): diferentes zonas ativas são implicadas em diferentes contextos, nomeadamente o caixilho (pintar a janela), o vidro (partir a janela), o buraco na parede etc. O significado de *window* ou *janela* não é a soma das zonas ativas (caixilhos, vidro, buraco etc.), mas uma rede de conhecimento relativa à localização típica, à função típica e ao modo típico de construção. Pelo contrário, deve reconhecer-se polissemia quando os diferentes sentidos não são predizíveis a partir dos sentidos de palavras adjacentes, nem do conhecimento geral. Por exemplo, *escola*, *universidade* e *museu* designam tanto a instituição como o edifício e estes sentidos são predizíveis a partir de um processo geral de polissemização, sendo a palavra *governo* uma exceção a esse princípio.

Quanto ao problema dos processos cognitivos de geração e relacionamento de sentidos e coerência da categoria polissêmica, não há dúvidas sobre o poder e a produtividade da metáfora, metonímia, generalização e especialização, tanto na polissemia como na mudança semântica. A questão coloca-se em relação a dois processos mais recentemente identificados: a *inferenciação desencadeada* (Traugott & Dasher 2002) e a *subjetificação* (e.g. Traugott 1989, 1995; Langacker 1990b, 1999). A inferenciação desencadeada implica o mecanismo básico da metonimização (ver Panther & Thornburg 2003). Por exemplo, o sentido de trabalho manual associado à *mão* formou-se por inferência metonímia ou, mais propriamente, por metonímia inferencial. Por sua vez, a subjetificação, caracterizada por Traugott em termos de um processo de reforço pragmático e por Langacker como um processo de atenuação semântica, também não é um processo autónomo, mas antes um efeito especial e bastante frequente de processos básicos de mudança semântica e polissemia, com destaque para a metonímia (ver Silva 2011, 2015). Como processo de expressão da perspectiva ou atitude do falante, a subjetificação implica o processo básico da metonímia. Por exemplo, o sentido de futuro associado ao verbo *ir* e expresso pela locução *ir* + Infinitivo formou-se via metonímia, como mudança do traço pragmaticamente inferível de "futuro" do verbo *ir* para o traço semanticamente convencional de "futuro" da referida construção infinitiva. Ainda sobre quais os processos de geração e relacionamento de sentidos, podemos dizer que todos os mecanismos cognitivos de mudança semântica são mecanismos cognitivos de polissemia (ver Silva 2013).

Finalmente, o problema da representação mental. A Semântica Cognitiva oferece os modelos de *rede radial*, popularizado por Lakoff (1987), e de *rede esquemática*, desenvolvido por Langacker (1987). Estes modelos de representação e descrição das categorias polissêmicas permitem analisar os efeitos de prototipicidade, a dimensão taxonómica e as associações metafóricas, metonímicas e outras de sentidos. No entanto, as redes não devem ser entendidas como pontuadas por sentidos bem delimitados. Além disso, as redes não são bidimensionais, contendo um centro prototípico e um conteúdo esquemático aos quais estão ligados os diversos usos, mas *multidimensionais*, isto é, determinado sentido pode resultar da combinação de duas ou mais dimensões e, inversamente, uma dimensão pode entrar em diferentes sentidos de uma categoria. Qualquer complexo polisémico é, por natureza, multidimensional. Como Tomasello (1992, 2003) tem

demonstrado, as palavras polissêmicas abundam na linguagem das crianças. A criança não adquire as palavras polissêmicas (nem a própria língua) por regras nem por seqüências de significados discretos, mas indutivamente com base no uso e na experiência linguística (ver estudo de Rice 2003 sobre a aquisição de sentidos múltiplos de preposições do inglês).

Resultados e avanços da Semântica Cognitiva

À parte os exageros expressos tendência para a polissemia extrema e os problemas, ainda em aberto, da individuação e representação dos sentidos de categorias polissêmicas, uns e outros referenciados nas duas secções anteriores, os muitos estudos de Semântica Cognitiva sobre polissemia (ver síntese em Lewandowska-Tomaszczyk 2007) e os nossos próprios estudos sobre categorias polissêmicas do português (Silva 2006), designadamente o verbo *deixar*, o sufixo diminutivo, o objeto indireto e a construção ditransitiva, o marcador discursivo pronto e a entoação descendente e ascendente, permitem apontar importantes avanços na compreensão da polissemia e do significado em geral. Enunciaremos aqui alguns.

A polissemia é um efeito (e uma evidência) da categorização com base em *protótipos*, "parecenças de família" e outros efeitos de prototipicidade. A polissemia mostra-nos como as categorias lexicais e gramaticais são redes radiais, esquemáticas e multidimensionais e como elas, juntamente com a prototipicidade que lhes subjaz, são a melhor resposta a três tendências funcionais do sistema cognitivo humano, designadamente densidade informativa, flexibilidade e estabilidade estrutural; como elas têm a enorme vantagem de facilmente se adaptarem à inevitável variação e mudança, mas também a não menos importante vantagem de funcionarem como modelos interpretativos dessas novas condições, situações ou necessidades.

A polissemia revela o poder cognitivo, a eficácia e a produtividade de determinados processos de conceptualização, como a metáfora, a metonímia, a generalização e a especialização. Metáfora e metonímia são processos de conceptualização figurada e os principais mecanismos cognitivos de geração de sentidos, de mudança semântica e, conseqüentemente, de polissemia.

A polissemia mostra-nos como o significado de uma palavra ou de uma construção está para além dela, já que cada conceito ativa vastos feixes de conhecimento, designados em Semântica Cognitiva como *modelos cognitivos idealizados* ou *frames*. Quer isto dizer que o estudo da dimensão semasiológica das categorias lexicais e gramaticais necessita do estudo da dimensão onomasiológica e vice-versa.

A polissemia revela-nos a natureza enciclopédica, dinâmica e flexível do significado linguístico. Quantitativamente, a formação de novos sentidos é o resultado de novas experiências e conceptualizações; é a resposta à constante variação e inovação. Qualitativamente, a possibilidade de coerentemente associarmos os diferentes usos de uma categoria depende da própria utilização do conhecimento enciclopédico e de mecanismos cognitivos. O dinamismo e a flexibilidade do significado têm diferentes manifestações: adaptabilidade e abertura à mudança, intrínseca contextualidade, natureza não reificada, mas processual, variabilidade, não linearidade, multidimensionalidade, indeterminação, negociabilidade, potencial de significado. A polissemia é uma das evidências de que a língua é um *sistema dinâmico complexo*, tal como o defende a teoria dos sistemas dinâmicos complexos (Thelen & Smith 1994, Silva 2012).

Finalmente, a polissemia é uma janela importante para alguns *conteúdos mentais* que tornam a linguagem possível: ela é sinal de que os significados não são *objetos mentais* estáticos, *desincorporados* e objetivamente dados e depositados no cérebro/mente, mas *atos de criação de sentido* subjetiva e intersubjetivamente construídos e situados num vasto contexto de experiência vivida, tanto fisiológica/biológica como cultural; ela é um efeito cognitivo real da maneira como categorizamos o mundo; ela revela-nos importantes e diversos mecanismos cognitivos e processos e estratégias de conceptualização, como a metáfora e a metonímia.

Acresce o facto crucial de que a polissemia encontra fundamentação biológica nas teorias neurobiológicas da consciência de Edelman (1992), Pöppel (1997) e Damásio (2000). Muito sinteticamente, os dados neurobiológicos mostram que significados básicos e de ordem superior resultam da combinação de conteúdos de ordem inferior e têm um fundamento experiencial; existem, pelo menos, dois níveis de consciência, nomeadamente nuclear ou primária e alargada ou elaborada, sendo os significados *básicos* de natureza pré-consciente; existe um sistema neuronal intermédio de representação lexical (que se interpõe entre o sistema neuronal conceptual e o sistema neuronal fonológico), organizado por

categorias no lobo temporal esquerdo e convocando a interação de múltiplas estruturas e regiões cerebrais (ver mais desenvolvimento em Silva 2006: 314-318). Tudo isto sugere a predisposição do cérebro para a formação de categorias (perceptivas, conceptuais e linguísticas) complexas e, porque não dizer, *polissémicas*.

Ruturas, desenvolvimentos recentes e desafios: cultura, discurso e mente

Apesar dos decisivos avanços referidos na secção anterior, será que a abordagem que a Semântica Cognitiva tem feito da polissemia é plenamente *cognitiva*, no sentido de explorar uma perspectiva dinâmica e maximamente contextualizada da polissemia? Responderemos com a resposta que Geeraerts (2010) dá para a Semântica Cognitiva como teoria de semântica lexical: ainda não.

Para o realizar, é necessário assumir uma mudança epistemológica de conceção da própria cognição, explorada nos últimos anos pela "segunda geração" de ciências cognitivas e da própria Linguística Cognitiva. Trata-se de passar da hipótese da cognição *corporizada*, mais precisamente da vertente individual e universal da cognição, do seu lado fisiológico e neurofisiológico de operações neuronais meramente individuais, para o reconhecimento de que as experiências coletivas, sociais e culturais são igualmente determinantes, e assim para a hipótese da cognição *socioculturalmente situada* ou cognição *coletiva, sinérgica* ou ainda *cognição social*; em termos de noções chave das ciências cognitivas, trata-se de passar da noção de *corporização (embodiment)* para a noção de *situacionalidade (situatedness)* ou então *corporização situada* (Bernárdez 2008; Frank et al. 2008; Zlatev et al. 2008; Pishwa 2009; Silva 2009).

Nesta *viragem social* da Linguística Cognitiva ou nesta perspectiva *sócio-cognitiva*, a polissemia tem que ser estudada, não apenas no contexto da mente, mas também no contexto da sociedade e da cultura ou da comunidade e no contexto da interação discursiva.

No contexto da sociedade e da cultura, é importante saber qual o papel de fatores sociais e culturais na polissemia lexical ou gramatical, como integram fatores conceptuais e fatores socioculturais na geração, na individuação

e no relacionamento de sentidos de uma categoria. Por exemplo, a polissemia dos sufixos diminutivo e aumentativo é motivada por modelos culturais do tamanho dos objetos, designadamente as ideias de que um objeto pequeno é geralmente mais controlável do que um objeto grande e geralmente damos mais importância a coisas grandes do que a coisas pequenas. Daqui as metáforas culturais opostas PEQUENO É POSITIVO (amável, agradável) e PEQUENO É NEGATIVO (sem importância), na base dos sentidos afetivo e depreciativo do diminutivo (*mãezinha* vs. *gentinha*); e GRANDE É POSITIVO (importante) e GRANDE É NEGATIVO (dá medo), na base dos sentidos apreciativo e depreciativo do aumentativo (*paisão* vs. *povão*) (Silva 2006: cap. 8). Um segundo exemplo é a interessante história semântica do verbo *deixar*, de que aqui damos apenas um brevíssimo apontamento: os sentidos psicológicos, sociais e morais de "abandonar", "permitir", "não intervir" são desenvolvimentos metonímicos e metafóricos e simultaneamente transformações de esquemas imagéticos de experiências corporais e interacionais de desbloqueio e libertação de objetos, expressas no étimo latino *laxare*, "afrouxar, relaxar; largar, soltar" (ver Silva 1999, 2003, 2006: cap. 7). Ainda outro exemplo é o adjetivo do inglês *awesome* com os sentidos de "fabuloso", "impressionante", "terrível". Robinson (2010) analisa o papel das variáveis sociolinguísticas, como idade, sexo, educação, estatuto sócio-económico, profissão, lugar de residência, na polissemia deste adjetivo, e verifica que as crianças e os jovens até aos 18 anos usam muito mais frequentemente o sentido de "fabuloso", ao passo que as pessoas com mais de 60 anos usam muito mais frequentemente o sentido de "terrível".

Para o estudo da interação de fatores conceptuais, sociais e culturais na polissemia, são importantes os trabalhos da recente Sociolinguística Cognitiva (Kristiansen & Dirven 2008; Geeraerts, Kristiansen & Peirsman 2010; Silva 2014), extensão emergente da Linguística Cognitiva como modelo centrado no uso e orientado para o significado, e da Linguística Cultural (Palmer 1996, Bernárdez 2008, Sharifian 2011), particularmente a ideia-chave de *conceptualização/esquema cultural*.

Estudar a polissemia no discurso é um imperativo de um *modelo centrado no uso* da língua, como é a Linguística Cognitiva. Qualquer categoria polissémica, tanto lexical como gramatical, só pode ser devidamente estudada no discurso, simplesmente porque é aí que se constroem e se dão os sentidos. Existem categorias essenciais para a construção do discurso e para as suas qualidades principais

de coesão e coerência: os chamados marcadores discursivos. Também eles estão abertos à dinâmica polissêmica das demais categorias linguísticas (ver os estudos de Fischer 2000 e Travis 2005 sobre a polissemia dos marcadores discursivos). Um exemplo é o marcador discursivo *pronto*, cuja polissemia é o resultado de um processo recente de gramaticalização do adjetivo *pronto* e não tem equivalente nas restantes línguas românicas. Os diversos usos pragmático-discursivos de *pronto* são motivados por dois esquemas imagéticos subjacentes aos dois sentidos do adjetivo *pronto*, nomeadamente "terminado, acabado, feito" aplicado a coisas e "preparado (para uma ação, uma utilização)" aplicado a pessoas ou coisas. O esquema imagético retrospectivo explica os usos conclusivos, de concordância, de fechamento temático e cedência de vez, ao passo que o esquema imagético prospectivo motiva os usos impositivo, explicativo, de abertura temática e de tomada de vez (ver a análise da polissemia de *pronto* em Silva 2006: cap. 10).

A abordagem necessariamente discursiva da polissemia tem uma importante implicação metodológica: o desenvolvimento e a utilização de métodos avançados de linguística de *corpus*. Não basta uma análise meramente ilustrada por um *corpus*, como mais frequentemente sucede, em que o *corpus* serve de simples repositório de ocorrências. É preciso fazer análise estatística, desenvolver e utilizar métodos de análise quantitativa e multifatorial. Efetivamente, são necessárias técnicas quantitativas multifatoriais, como a análise de regressão logística, para determinar as correlações entre as variáveis conceituais, estruturais e socio-variacionais da polissemia de uma categoria. Tais técnicas permitem uma análise distribucional avançada, explorando os pressupostos da análise distribucional dos anos 50 de que diferenças de significado se correlacionam com diferenças de distribuição (Harris 1954) ou o postulado de Firth (1957: 11) de que "you shall know a word by the company it keeps".

Na base dos mesmos pressupostos distribucionais, a Linguística Computacional tem desenvolvido técnicas para a detecção automática da polissemia no *corpus*. Uma dessas técnicas é o modelo de Espaço Semântico Vetorial (Turney & Pantel 2010; Heylen Wielfaert, Speelman & Geeraerts 2015): uma técnica computacional que quantifica similaridade entre usos de uma palavra (ou entre pares de palavras) com base no seu comportamento distribucional em vastos *corpora*.

Alguns estudos recentes, reunidos em volumes de Semântica Cognitiva Quantitativa, têm aplicado estas técnicas avançadas de linguística de *corpus* e de linguística computacional ao estudo da polissemia (Glynn & Fischer 2010, Glynn

& Robinson 2014). Merece especial referência o trabalho de Gries (2006) sobre a polissemia do verbo do inglês *to run* (correr) através do método do *perfil comportamental* (*behavioral profile*). Este método consiste em fazer a anotação de concordâncias em termos de parâmetros morfológicos, sintáticos, semânticos, distribucionais – os chamados "ID tags"; calcular percentagens de coocorrência de cada sentido com cada "ID tag"; e fazer a análise estatística dos dados através da "análise de cluster". O método do perfil comportamental permite assim classificar automaticamente ocorrências de palavras como sentidos. Constitui, pois, um instrumento heurístico da maior importância para a tarefa difícil de individuação e diferenciação de sentidos.

Finalmente, o estudo da polissemia no contexto da mente visa encontrar evidência experimental sobre a realidade cognitiva da polissemia. O grande desafio é testar experimentalmente todas as hipóteses da Semântica Cognitiva sobre a polissemia. As questões de investigação incluem saber qual o tempo e ordem de ativação dos sentidos, qual a importância do contexto na seleção de sentidos, qual a importância da frequência/dominância na seleção de sentidos, como são armazenados e como são adquiridos os sentidos. Esta agenda exige forte interdisciplinaridade entre a Semântica Cognitiva, a Psicologia Cognitiva e a Psicolinguística. Deve notar-se que muito raramente é utilizado o termo polissemia em estudos de Psicologia Cognitiva, usando-se aí em vez dele o termo ambiguidade.

Entre os poucos estudos neurolinguísticos de interesse para a polissemia, destacam-se os de Burgess & Simpson (1988), mostrando que os dois hemisférios têm respostas opostas para significados subordinados (o hemisfério esquerdo desativa significados subordinados, ao passo que o hemisfério direito aumenta-os ao longo do tempo), e de Mason & Just (2007), verificando que a atividade do cérebro no processamento de palavras "ambíguas" (isto é, polissémicas) difere em função da dominância semântica e da memória de trabalho (ver outras referências em Gries 2015).

Conclusão

Como conclusão geral, a Semântica Cognitiva muito tem contribuído teórica, metodológica e descritivamente para o estudo da polissemia tanto lexical como

gramatical, sendo a teoria de semântica lexical que indubitavelmente mais e melhor a tem estudado, mas precisa de ser mais consequente com as suas assunções de modelo centrado no uso da língua e orientado para o significado, desenvolvendo uma abordagem cognitiva teórica e descritivamente mais recontextualizante – polissemia nos contextos mental, sociocultural e discursivo – e metodologicamente mais empírica. Deixamos três desafios específicos.

Primeiro, a abordagem cognitiva da polissemia tem que integrar a *situacionalidade* sociocultural, sócio-histórica e interacional do significado e investigar a correlação entre fatores conceptuais e fatores socioculturais da variação de sentido. A nova conceção da mente como *mente coletiva* e da cognição como cognição socioculturalmente situada ou *cognição social*, bem como as contribuições da Sociolinguística Cognitiva e da Linguística Cultural oferecem meios para responder ao desafio. Segundo, a abordagem cognitiva da polissemia tem que ser *quantitativamente* testada em dados do uso real da língua através de métodos estatísticos e multifatoriais avançados de análise de *corpus*. Os desenvolvimentos da Linguística de *Corpus* e da Linguística Computacional e os recentes estudos de Semântica Cognitiva Quantitativa começam a responder a este desafio. Terceiro, a abordagem cognitiva da polissemia tem que ser *experimentalmente* testada, através de estudos psicolinguísticos e neurolinguísticos. Espera-se que haja um compromisso interdisciplinar entre Semântica Cognitiva, Psicologia Cognitiva e Neurociências, necessário para responder a este terceiro desafio: a Semântica Cognitiva precisa de reunir evidência experimental sobre polissemia e a Psicologia Cognitiva precisa de integrar o fenómeno da polissemia na sua agenda.

Estes desafios fazem ainda mais sentido ao reconhecer-se que da compreensão da polissemia depende boa parte da compreensão do significado, da linguagem e da cognição.

Referências

Allwood, Jens (2003). Meaning potentials and context: Some consequences for the analysis of variation in meaning. In Hubert Cuyckens, René Dirven & John R. Taylor (eds.), *Cognitive Linguistic Approaches to Lexical Semantics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 29-66.

- Bernárdez, Enrique (2008). *El Lenguaje como Cultura. Una Crítica del Discurso sobre el Lenguaje*. Madrid: Alianza Editorial.
- Bréal, Michel (1924). *Essai de sémantique. Science des significations*. Paris: Gérard Monfort.
- Burgess, Curt & Grg B. Simpson (1988). Cerebral hemispheric mechanisms in the retrieval of ambiguous word meanings. *Brain and Language* 33, 86-103.
- Croft, William (1998). Linguistic evidence and mental representations. *Cognitive Linguistics* 9 (2), 151-173.
- Cuyckens, Hubert & Britta Zawada (eds.) (2001). *Polysemy in Cognitive Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Cuyckens, Hubert, René Dirven & John Taylor (eds.) (2003). *Cognitive Approaches to Lexical Semantics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Damáσιο, António (2000). *O Sentimento de Si. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Edelman, Gerald M. (1992). *Bright Air, Brilliant Fire: On the Matter of the Mind*. New York: Basic Books.
- Firth, John R. (1957). A synopsis of linguistic theory 1930-1955. In John R. Firth, *Studies in Linguistic Analysis*. Oxford: Blackwell, 1-32.
- Fischer, Kerstin (2000). *From Cognitive Semantics to Lexical Pragmatics: The Functional Polysemy of Discourse Particles*. Berlin/New York Mouton de Gruyter.
- Frank, Roslyn M., René Dirven, Tom Ziemke & Enrique Bernárdez (eds.) (2008). *Body, Language, and Mind. Volume 2. Sociocultural Situatedness*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Geeraerts, Dirk (1993). Vagueness's puzzles, polysemy's vagaries. *Cognitive Linguistics* 4 (3), 223-272.
- Geeraerts, Dirk (2006). *Words and other Wonders. Papers on Lexical and Semantic Topics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

- Geeraerts, Dirk (2010). *Theories of Lexical Semantics*. Oxford: Oxford University Press.
- Geeraerts, Dirk & Hubert Cuyckens (eds.) (2007). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- Geeraerts, Dirk, Gitte Kristiansen & Yves Peirsman (eds.) (2010). *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Glynn, Dylan & Kerstin Fischer (eds.) (2010). *Quantitative Cognitive Semantics: Corpus-Driven Approaches*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Glynn, Dylan & Justyna Robinson (eds.) (2014). *Corpus Methods for Semantics: Quantitative Studies in Polysemy and Synonymy*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Gries, Stefan Th. (2006). Corpus-based methods and cognitive semantics: the many senses of *to run*. In Stefan Th. Gries & Anatol Stefanowitsch (eds.), *Corpora in Cognitive Linguistics. Corpus-based Approaches to Syntax and Lexis*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 57-99.
- Gries, Stefan Th. (2015). Polysemy. In Ewa D browska & Dagmar S. Divjak (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 472-490.
- Harris, Zellig (1954). Distributional structure. *Word* 10, 146-162.
- Heylen, Kris, T. Wielfaert, Dirk Speelman & Dirk Geeraerts (2015). Monitoring polysemy: Word space models as a tool for large-scale lexical semantic analysis. *Lingua* 157, 153-172.
- Kristiansen, Gitte & René Dirven (eds.) (2008). *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Lakoff, George (1987). *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George & Mark Johnson (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Langacker, Ronald W. (1987). *Foundations of Cognitive Grammar. Vol. 1: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.

- Langacker, Ronald W. (1990a). *Concept, Image, and Symbol. The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Langacker, Ronald W. (1990b). Subjectification. *Cognitive Linguistics* 1 (1), 5-38.
- Langacker, Ronald W. (1999). Losing control: grammaticization, subjectification, and transparency. In Andreas Blank & Peter Koch (eds.), *Historical Semantics and Cognition*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 147-175.
- Langacker, Ronald W. (2008). *Cognitive Grammar. A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Lewandowka-Tomaszczyk, Barbara (2007). Polysemy, prototypes, and radial categories. In Dirk Geeraerts & Hubert Cuyckens (eds.), *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 139-169.
- Mason, Robert A. & Marcel Adam Just (2007). Lexical ambiguity in sentence comprehension. *Brain Research* 1146, 115-127.
- Nerlich, Brigitte & David D. Clarke (1997). Polysemy. Patterns of meaning and patterns in history. *Historiographia Linguistica* 24 (3), 349-385.
- Nerlich, Brigitte, Zazie Todd, Vimala Herman & David D. Clarke (eds.) (2003). *Polysemy: Flexible Patterns of Meaning in Mind and Language*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Palmer, Gary B. (1996). *Toward a Theory of Cultural Linguistics*. Austin: University of Texas Press.
- Panther, Klaus-Uwe & Linda Thornburg (2003). *Metonymy and Pragmatic Inferencing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Pishwa, Hanna (2009) (ed.). *Language and Social Cognition. Expression of the Social Mind*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Pöppel, Ernst (1997). Consciousness versus states of being conscious. *Behavioral and Brain Sciences* 20 (1).

Rice, Sally (2003). Growth of a lexical network: Nine English prepositions in acquisition. In Hubert Cuyckens, René Dirven & John R. Taylor (eds.), *Cognitive Approaches to Lexical Semantics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 243-280.

Riemer, Nick (2005). *The Semantics of Polysemy. Reading Meaning in English and Warlpiri*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

Robinson, Justyna (2010). *Awesome* insights into semantic variation. In Dirk Geeraerts, Gitte Kristiansen & Yves Peirsman (eds.), *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 85-109.

Sandra, Dominiek (1998). What linguists can and can't tell you about the human mind: A reply to Croft. *Cognitive Linguistics* 9 (4), 361-378.

Sandra, Dominiek & Sally Rice (1995). Network analyses of prepositional meaning: Mirroring whose mind – the linguist's or the language user's? *Cognitive Linguistics* 6 (1), 89-130.

Searle, John R. (1983). *Intentionality: An Essay in the Philosophy of Mind*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sharifian, Farzad (2011). *Cultural Conceptualizations and Language: Theoretical framework and applications*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Silva, Augusto Soares da (1999). *A Semântica de deixar. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Silva, Augusto Soares da (2003). Image schemas and category coherence: The case of the Portuguese verb *deixar*. In: Hubert Cuyckens, René Dirven & John R. Taylor (eds.), *Cognitive Approaches to Lexical Semantics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 281-322.

Silva, Augusto Soares da (2006). *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina.

Silva, Augusto Soares da (2009). O cognitivo e o social nos estudos linguísticos: inimigo *síntimos*? In Alexandra Fiéis & Antónia Coutinho (eds.), *Textos Seleccionados do XXIV*

Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 511-525.

Silva, Augusto Soares da (2010). Polissemia e contexto: o problemaduro da diferenciação de sentidos. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* 5, 353-367.

Silva, Augusto Soares da (2011). Subjectification and polysemy: An autonomous mechanism of semantic change? *11th International Cognitive Linguistics Conference*, Xi'an, China, 11-17 julho 2011.

Silva, Augusto Soares da (2012). Sistema e variação: Quão sistemático pode ser o sistema linguístico num modelo baseado no uso? *Revista Lingüística* 8 (1), 35-60.

Silva, Augusto Soares da (2013). Lingüística Cognitiva y cambio semántico: Prototipos, metáfora-metonymia y subjetivización. In Alicia Puigvert Ocal & Silvia Iglesias Recuero (eds.), *Trabajos de Semántica y Pragmática Históricas. Aportación al estudio de nuevos métodos*. Madrid: Editorial Complutense, 191-217.

Silva, Augusto Soares da (ed.) (2014). *Pluricentricity: Language Variation and Sociocognitive Dimensions*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter.

Silva, Augusto Soares da (2015). Metonymy and (inter) subjectification. *2nd International Symposium on Figurative Thought and Language*, Universidade de Pavia, Itália, 28-30 outubro 2015.

Taylor, John R. (1995). *Linguistic Categorization. Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press.

Thelen, Esther & Linda B. Smith (1994). *A Dynamic Systems Approach to the Development of Cognition and Action*. Cambridge, MA: MIT Press.

Tomasello, Michael (1992). *First verbs: A Case Study in Early Grammatical Development*. Cambridge: Cambridge University Press.

Tomasello, Michael (2003). *Constructing a Language: A Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Cambridge: Harvard University Press.

Traugott, Elizabeth Closs (1989). On the rise of epistemic meanings in English: An example of subjectification in semantic change. *Language* 65, 31-55.

- Traugott, Elizabeth Closs (1995). Subjectification in grammaticalisation. In Dieter Stein & Susan Wright (eds.), *Subjectivity and Subjectivisation. Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 31-54.
- Traugott, Elizabeth Closs & Richard Dasher (2002). *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Travis, Catherine (2005). *Discourse Markers in Colombian Spanish. A Study in Polysemy*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Tuggy, David (1993). Ambiguity, polysemy, and vagueness. *Cognitive Linguistics* 4 (3), 273-290.
- Tuggy, David (1999). Linguistic evidence for polysemy in the mind: a response to William Croft and Dominiek Sandra. *Cognitive Linguistics* 10 (4), 343-368.
- Turney, Peter & Patrick Pantel (2010). From frequency to meaning: vector space models of semantics. *Journal of Artificial Intelligence Research* 37, 141–188.
- Ziemke, Tom, Jordan Zlatev & Roslyn M. Frank (eds.) (2007). *Body, Language, and Mind I: Embodiment*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Zlatev, Jordan, Timothy P. Racine, Chris Sinha & Esa Itkonen (eds.) (2008). *The Shared Mind: Perspectives on Intersubjectivity*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.